



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12273 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

CORPO, ARTE E DOCÊNCIA: EMARANHAMENTOS E CO-IMPLICAÇÕES NA ESCRITA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Viviane Viana de Souza - COLÉGIO PEDRO II E UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Silvane Lopes Chaves - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O aparecimento do corpo nas artes pode ensejar muitos estudos por ser um tema de interesse das diferentes abordagens teórico-metodológicas. Este trabalho, feito a quatro mãos, pretende relatar uma experiência de um processo de pesquisa, apresentando movimentos iniciais de uma docente-pesquisadora na construção de uma tese de doutoramento interessada em imagens e corpos de mulheres nas artes.

De início, a pesquisa propunha analisar relatos de professoras de Arte atuantes em escolas públicas, destacando o uso de imagens de mulheres e de obras de mulheres artistas em suas aulas, de modo a evidenciar possíveis diferenças que tais práticas poderiam produzir, inclusive na subversão ao padrão hegemônico que tem enquadrado o corpo feminino, ora como “objeto de apreciação”, ora como arte invisível, considerando que o espaço para o trabalho de mulheres artistas nos espaços institucionalizados de arte é ínfimo.

A crítica afiada às representações do corpo feminino na arte dita hegemônica – mais fortemente até o início do século XX – é guiada pela compreensão de que é um campo marcadamente masculino, heterossexual e branco, que produz efeitos tanto naquela representação, quanto na invisibilização histórica das artistas mulheres. Portanto, a proposta inicial foi incitada por essa percepção do lugar do corpo feminino e por um desejo de elevar o tom da crítica, denunciando a generificação: mulheres precisam estar nuas na maioria dos acervos de grandes museus e coleções? Esse questionamento trazido pelo *Guerrilla Girls* serviu de alerta para dar atenção a outras invisibilizações nas artes: onde estão os corpos negros, indígenas, com deficiência, trans, gordos?

Esses questionamentos nos inquietam quanto as categorizações generificadas no campo das artes e nos incita a desbravar outras sendas. Nos encontros com Haraway (2009) e Barad (2017; 2007) o trabalho foi deslizando para uma tentativa de *descorporificação*, entendido como movimento para pensar as imagens e os corpos mesmos das artistas como matéria que intra-agem em nosso nunca findo processo de estar no mundo como corpo generificado, em

uma materialidade-discursiva (BARAD, 2007 p. XX), em um registro que busca o (im)possível escape do olhar dicotômico típico do humanismo positivista. Além disso, é importante registrar a contribuição de autoras/es como Butler (2018) e Foucault (2005) no escrutínio do discurso positivista fundante da arte hegemônica e de suas narrativas legitimadoras de normatividades que produzem modos de existência envelopadas (DAVIES, 2018).

Entretanto, no enfrentamento dos pressupostos da filosofia ocidental centrada no humanismo nos deparamos com algumas encruzilhadas. A interlocução feita em vários momentos da pesquisa fez emergir novos desejos, outras formas de olhar a partir do (re)encontro com Butler, Haraway, Barad; com outras/os pesquisadoras/es da área; com os corpos de Guerrilla Girls, Ana Mandietta e Élle de Bernardini; e com aquelas imagens de corpos de mulheres que causaram tanto incômodo ao elaborar a proposta de pesquisa. É nesse sentido que pretendemos trazer algumas contribuições dessas interlocuções para o deslocamento do problema de pesquisa proposto, na fricção com o pós-estruturalismo e neo-materialismo.

Com Butler (2017) podemos dizer que aqueles encontros produziram interpelações e a irreduzível necessidade de respondê-las. Uma necessidade que não diz respeito a uma demanda institucional de produzir uma tese, mas também em uma dimensão ética enquanto docente-pesquisadora, onde cabe pensar esses enquadramentos sob os quais o lugar do corpo feminino é produzido e que seguem operando significações que organizam as experiências visuais que reverberam na sociedade, na educação, nos currículos. Produz um efeito de poder na subjetivação que inventa atributos marcadamente generificados (FOUCAULT, 2021; BUTLER, 2018). Daí a preocupação em dar atenção, por exemplo, ao ensino de arte na escola e à própria definição do que é arte, dada sua capacidade de criar uma fronteira, excluir, (des)qualificar o que é válido e estruturar as intra-ações com as imagens, corpos, matéria em suas dimensões ética e estética.

Quando falamos do poder produtivo do discurso na constituição daquilo que nomeamos de “realidade”, continuamos a pensar o discursivo no lugar de agência e, neste caso, o corpo no lugar de certa passividade, uma vez que seria produzido pelo discurso? Aqui acionamos Barad (2017) para investir em outro deslizamento para (re)compor um olhar desconstrutivo da pesquisa em sua crítica a certa persistência da disjunção discurso-matéria como um espectro da ótica geométrica newtoniana, sempre a nos assombrar.

Questionar o enquadramento como algo ativo nos coloca diante de uma questão relevante, porém nos vemos compelidas a rejeitar a função de mediação da linguagem, por reconhecer o enredamento provocado por aquelas imagens, de modo que a narrativa dessa pesquisa é tecida em termos difrativos, o “que permite que a matéria seja um participante ativo no devir do mundo, em sua contínua ‘intra-atividade’” (BARAD, 2018, p. 27).

As imagens, os corpos, a matéria nos interpelam e nos convocam à responsividade, uma vez que não estão inertes. O corpo é um texto, é também discursivo. A materialidade é também discurso, a agência material nos conduzindo ao não pensado. Não se trata apenas de olhar novamente imagens/corpos para analisá-las, mas de deslocar e assumir a produtividade dessa fricção em outros termos, reconhecendo emaranhamentos possíveis e que estamos irremediavelmente co-implicados no fazer da pesquisa.

Como permanecer incólume ao trabalho de Élle de Bernardini? Ela nos incita ao remetimento da noção de *materialismo agencial* de Barad (2007). Um corpo cuja diferença encarnada nos interpela radicalmente e diz: o corpo também é discursivo e inaugura um acontecimento no espaço do museu, participando agencialmente do mundo, é uma performatividade corporificada, não apenas uma prática discursiva que paira sobre a matéria.

Desse modo, pensamos que o corpo-matéria tem sua ambivalência restituída. Isso nos leva ao cerne do pensamento ético de Barad, que implica na nossa abertura a cada encontro e a cada intra-ação, nossa capacidade mesma de afetar e ser afetada continuamente. Um enredamento que evidencia agências mutuamente emaranhadas: pesquisadora, imagens, teorias, emoções, afetos, currículo, museus, artistas. Uma escuta emergente com uma outridade radical, incluindo os não-humanos (DAVIES, 2018).

Assim, “reconhecendo as performatividades constitutivas de fronteiras de exterioridades e interioridades, nossas e de outros, como envolvendo-nos, sempre, em perguntar de que maneiras o mundo chega à matéria/importam” (DAVIES, 2018, p. 125), e como isso tem definido nossas pesquisas? Seguimos assombradas.

Palavras-chave: corpo; pesquisa; pós-humanismo; neo-materialismo

REFERÊNCIAS

BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. Tradução de: ROCHA, Thereza. **Vazantes** – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 6-34, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20451>. Acesso em: 09 mai 2022.

_____. **Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning.** Durham and London: Duke University Press, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1215/9780822388128>>. Acesso em: 18 mai 2022.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética.**; tradução de Rogério Bettoni. – 1 ed.; 3 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia.** trad. Fernanda Miguens; ver. Técnica Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DAVIES, Bronwyn. Ethics and the new materialism: a brief genealogy of the ‘post’ philosophies in the social sciences. In: **Discourse: studies in the cultural politics of education**, 2018. vol. 39, no. 1, 113–127. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/01596306.2016.1234682>>. Acesso em: 03 set 2022

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 15 set 2022

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

_____. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.